

VERA LÚCIA
MARINZECK
DE CARVALHO

Ditado pelo Espírito PATRÍCIA

Violetas na Janela



MAIS DE **2 MILHÕES**
EXEMPLARES VENDIDOS

petit[®]

Violetas na Janela



Somos associados da **Fundação Abrinq** pelos direitos da criança. Nossos fornecedores uniram-se a nós e não utilizam mão de obra infantil ou trabalho irregular de adolescentes.

Violetas na Janela

Copyright by © Petit Editora e Distribuidora Ltda. 1993

Direção editorial: **Flávio Machado**
Assistente editorial: **Renata Curi**
Produtor gráfico: **Vitor Alcalde Llaguno Machado**
Capa: **Flávio Machado**
Diagramação: **Ricardo Brito**
Revisão: **Maria Aiko Nishijima**
Conversão digital: **MobileTag / RAS empreendimentos**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

133.9 Patrícia (espírito)
P314v Violetas na Janela / Ditado pelo Espírito
 Patrícia ; psicografado pela médium Vera
 Lúcia Marinzeck de Carvalho. – São Paulo :
 Petit.

ISBN 978-85-7253-010-1

1. Espiritismo 2. Romance mediúnico I.
Carvalho, Vera Lúcia Marinzeck de II. Título

CDU: 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances mediúnicos : Espiritismo 133.9

Direitos autorais reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer
forma

ou por qualquer meio, salvo com autorização da Editora.

(Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.) Traduções
somente com autorização por escrito da Editora.

Prezado(a) leitor(a),

Caso encontre neste livro alguma parte que acredita que vai interessar ou mesmo ajudar outras pessoas e decida distribuí-la por meio da internet ou outro meio, nunca deixe de mencionar a fonte, pois assim estará preservando os direitos do autor e consequentemente contribuindo para uma ótima divulgação do livro.

Violetas na Janela

DITADO PELO ESPÍRITO

Patrícia

PSICOGRAFADO PELA MÉDIUM

Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho



Rua Atuaí, 389 – Vila Esperança/Penha
CEP 03646-000 – São Paulo – SP
Fone: (0xx11) 2684-6000
www.petit.com.br | petit@petit.com.br



LIVROS DA MÉDIUM
VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

Da própria médium:

- *Conforto Espiritual*
- *Conforto Espiritual 2*

Psicografados:

Com o Espírito Antônio Carlos

- *Reconciliação*
- *Cativos e Libertos*
- *Copos que Andam*
- *Filho Adotivo*
- *Reparando Erros de Vidas*

Passadas

- *A Mansão da Pedra Torta*
- *Palco das Encarnações*
- *Histórias Maravilhosas da*

Espiritualidade

- *Muitos São os Chamados*
- *Reflexos do Passado*
- *Aqueles Que Amam*
- *O Diário de Luizinho*
(infantil)
- *Novamente Juntos*
- *A Casa do Penhasco*
- *O Mistério do Sobrado*
- *O Último Jantar*
- *O Jardim das Rosas*
- *O Sonâmbulo*
- *Sejamos Felizes*
- *O Céu Pode Esperar*
- *Por Que Comigo?*
- *A Gruta das Orquídeas*
- *O Castelo dos Sonhos*

- *A Casa do Escritor*
- *O Vôo da Gaivota*
- *Vivendo no Mundo dos*

Espíritos

Com o Espírito Rosângela

- *Nós, os Jovens*
- *A Aventura de Rafael*
(infantil)
- *Aborrecente, Não. Sou*

Adolescente!

- *O Sonho de Patrícia*

(infantil)

- *Ser ou Não Ser Adulto*
- *O Velho do Livro (infantil)*
- *O Difícil Caminho das*

Drogas

- *Flores de Maria*

Com o Espírito Jussara

- *Cabocla*
- *Sonhos de Liberdade*

Com espíritos diversos

- *Valeu a Pena!*
- *O Que Encontrei do Outro*

Lado da Vida

- *Deficiente Mental: Por Que*

Fui Um?

- *Morri! E Agora?*
- *Ah, Se Eu Pudessem Voltar*
no Tempo!

Livros em outros idiomas

- *Violets on the Window*
- *Violetas en la Ventana*

- *O Ateu*
 - *O Enigma da Fazenda*
 - *O Cravo na Lapela*
 - *A Casa do Bosque*
 - *Entrevistas com os Espíritos*
- Com o Espírito Patrícia
- *Violetas na Janela*

- *Violoj sur Fenestro*
- *Reconciliación*
- *Deficiente Mental: ¿Por Que Fui Uno?*
- *Viviendo en el Mundo de los Espíritus*
- *Fiori di Maria*

Dedicatória

Um trabalho que temos a graça e a oportunidade de fazer, é nossa realização. Dedicar a alguém é demonstrar, reconhecer que eles também ajudaram de algum modo. A meus pais, José Carlos Braghini e Anézia Alba Marinzeck Braghini, que muito amo e aos quais muito devo.

Patrícia



As violetas não só enfeitaram a janela do meu quarto, mas também a do mundo novo que surgia à minha frente. O amor permanecia além do tempo e do espaço.

Aos meus queridos amigos:

Recebo muitos pedidos para continuar trabalhando na literatura. Embora eu fique emocionada com tanto carinho, peço aos meus leitores que me perdoem por não escrever mais. Tive como tarefa fazer quatro livros,¹ narrar o que vi, o que encontrei e o que senti no plano espiritual. Concluídos esses livros fui realizar meu sonho, pois quando estava encarnada, estudava, lecionava e queria continuar fazendo isso.

Atualmente, moro numa colônia de estudo e não vou ao plano físico a não ser em raros momentos, quando vou é somente para rever meus familiares. Meu trabalho não inclui visitar centros espíritas, nem ditar mensagens, escrever livros ou prefaciá-los.

Amo muito vocês que me amam, que gostam do que escrevi e tenho certeza de que me compreenderão.

Da sempre amiga amorosa,
Patrícia

¹- Os quatro livros de Patrícia: *Violetas na janela*, *Vivendo no mundo dos espíritos*, *A casa do escritor* e *O voo da gaivota*. Todos editados pela Petit Editora.

Algumas Palavras da M3dium

Patr3cia 3 minha sobrinha, filha de minha irm3. T3nhamos grande afinidade, 3ramos amigas.

Na adolesc3ncia, quase tudo o que ela pensava, estando eu perto, captava seus pensamentos com facilidade.

Chegamos a brincar com a telepatia. Uma vez, no s3tio de seus pais, fizemos uma experi3ncia. Cada uma de n3s ficou em um quarto, ela pegava um objeto e transmitia, eu adivinhava. Deu certo, experimentamos com palavras, e com exatid3o. S3 ela conseguia transmitir, e eu, captar.

Como o acaso n3o existe, tenho a certeza de que nossos esp3ritos sabiam da tarefa que far3amos mais tarde.

Patr3cia desencarnou aos dezenove anos, deixando uma lacuna e saudades da presen3a f3sica, mas a certeza de que n3o nos separamos.

A vida continua, e 3 sobre esta particularidade, desta continua3o, que ela vem amorosamente nos narrar, legando novos conhecimentos.

De minha parte, sou grata, profundamente grata ao Pai por me permitir desfrutar de sua companhia enquanto trabalhamos.

Vera

S3o Sebast3o do Para3so, MG , 1992.

Prefácio

Conheci Patrícia encarnada. Era uma menina que, de infante, tornou-se uma linda moça. Alta, magra, loura com cabelos cacheados e compridos, olhos azuis parecendo pedaços do céu. Sorriso franco e alegre, maravilhava a todos. Mas não foi essa beleza perecível que me chamou atenção. Era pura, delicada, cultivara a parte verdadeira, que a acompanhou na desencarnação. Era espírita. Tinha na Doutrina Espírita sua meta de viver. Inteligente, estudiosa, o conhecimento das verdades eternas era de seu interesse. Ouvia as orientações de seu genitor com profundo devotamento. Raciocinava sobre tudo o que aprendia. Quando a conheci, soube que ia deixar o corpo físico jovem. Assim aconteceu e, como uma flor colhida que enfeitava a Terra, veio nos encantar no plano espiritual.

Incentivei-a a ditar aos encarnados. Como amante da literatura, pedi a ela que narrasse aos nossos irmãos na carne sua experiência. Como é agradável a morte do corpo nos surpreender com a consciência tranquila, sem erros, vícios e com conhecimentos da vida espiritual.

Para minha alegria, Patrícia aceitou. Para este evento, estudou. Tarefa que não foi nenhum sacrifício, pois ama aprender.

Emocionado, apresento esta delicada alma que, com sua simplicidade, perfumará nossa literatura espírita.

Antônio Carlos

capítulo 1

Despertando

Por muitas vezes acordei, para logo em seguida adormecer. Neste período, desperta, observei o local onde estava. Era um quarto com paredes claras e uma janela fechada. O local estava na penumbra. Sentia-me extremamente bem. Ouvia a voz de meu pai, ou melhor, sentia as palavras: “Patrícia, filha querida, dorme tranquila, amigos velam por você. Esteja em paz.” Embora essas palavras fossem ditas com muito carinho, eram ordens. Sentia-me protegida e amparada.

Estava deitada numa cama alta como as dos hospitais, branca e confortável. Acordava e dormia.

Até que despertei de fato. Sentei-me no leito. Virei a cabeça devagar, observando o quarto, e foi então que vi ao lado do meu leito, sentado numa poltrona, um senhor. Quando o olhei, ele sorriu agradavelmente.

Apalpei-me, ajeitando-me entre os lençóis alvos e levemente perfumados. Estava vestida com meu pijama azul de malha. Arrumei com as mãos meus cabelos.

“Onde será que estou?” – pensei.

Não conhecia o local nem aquele senhor que, calmamente, continuava a sorrir. Não tive medo nem me apavorei. Fiquei calada por minutos, tentando entender. Até que o risonho senhor me dirigiu a palavra.

– Oi, Patrícia! Como se sente?

– Bem...

Pensei no meu pai. Senti-o. Interroguei-o mentalmente: “Papai, que faço?” “Calma, esteja tranquila, diante do desconhecido, procure conhecer; nas dificuldades, ache soluções. Pense em Jesus. O Divino Mestre é a Luz do nosso caminho.” Papai respondeu dentro de mim, era como se pensasse com a voz dele. Senti coragem e ânimo, certamente eram fluidos que me enviava. Confiei. Voltei a cabeça na direção daquele senhor, olhei-o fixamente e indaguei:

- Como sabe meu nome?
- Patrícia é um lindo nome, conheço-a há tempo.
- Onde estou?
- Entre amigos.

Realmente sentia assim. Estava calma. Ter acordado num lugar desconhecido e com aquele estranho ao meu lado pareceu-me natural. E logo eu, que sempre fui tão caseira e avessa a estranhos. Interroguei-o novamente.

- Como se chama?
- Maurício.² Sou amigo de seu pai.
- É médico? Trabalha em nosso centro espírita? Não me respondeu, seu olhar tranquilo dava-me calma. Observei-o detalhadamente. Ruivo, com sardas pelo rosto, olhos verdes, boca grande e sorriso agradável. Deixou que eu o observasse. Minutos passamos em silêncio. Até que ousei perguntar:
 - Estou sonhando ou desencarnei?

² – Maurício, esse excelente amigo, é um dos personagens do livro *Reparando erros*, de Antônio Carlos (Nota da Autora Espiritual).

capítulo 2

Indagando

A quele estranho que, por afinidade, senti ser um amigo a velar por mim, continuava a sorrir. Olhou-me nos olhos. Lembranças de acontecimentos vieram-me à mente.

Ia levantar, era domingo, inverno, final de férias. Sentei-me na cama para trocar o pijama quente por outra roupa, quando senti uma tontura. A cama estava encostada na parede e foi nela que apoiei a cabeça. Parecia que algo explodia dentro dela. Estas sensações foram por segundos.

Vi e ouvi por instantes, sem definir quem eram as pessoas ao meu lado.

“Calma, Patrícia, calma!” – alguém falou carinhosamente.

Senti que seguraram minhas mãos, como também senti mãos sobre minha cabeça.

“Dorme, dorme...”

Dormi realmente. As lembranças acabaram como que por encanto. O fato é que estava num quarto que não era o meu, e diante de Maurício. Olhei para todos os lados e entendi, não foi preciso ele responder, Maurício somente me ajudou a lembrar. Desencarnei. Estava tão calma que estranhei. Suspirei. O melhor era assumir. Não sabia que iria desencarnar um dia? Voltei a indagar Maurício, como se fosse um assunto banal:

– Que aconteceu? De que desencarnei?

– Uma veia rompeu no seu cérebro. Tem de haver um motivo para o corpo morrer quando é vencido o prazo de o espírito ficar

encarnado. Foi por um aneurisma cerebral.

– Onde estou?

– Na Colônia São Sebastião. No hospital. Na parte de Recuperação.

– Recupero-me de quê?

– De nada, você está ótima, aqui está somente para se adaptar. Patrícia, lembra de sua avó Amaziles? Ela está aqui e quer vê-la.

A imagem de vovó veio à minha mente. Gostava muito dela. Estivera muito doente, depois piorou e foi para o hospital. Quando desencarnou estávamos, seus netos, a orar para que sarasse. Ao sabermos que desencarnara, pusemo-nos a chorar. “Como?” – minha irmã indagou. – “Estávamos a orar para que sarasse!” Minha mãe respondeu: “Suas preces foram ouvidas. Jesus, vendo que ela não poderia sarar no corpo, levou-a para que sarasse no plano espiritual”. Senti, sentimos muito seu desencarne. Agora, ali estava ela querendo me ver... Corrigi meu pensamento: “Gostava? Não! Gosto muito dela!”

– Por favor, Maurício, peça-lhe para entrar – disse emocionada.

Vovó entrou no quarto de mansinho. Estava diferente, mais bonita, esperta e sem seus grossos óculos. Beijou-me na testa, e nos abraçamos demoradamente. Meus sentimentos naquele momento ficaram confusos. Senti alegria em vê-la, mas, também, tive a certeza de que eu realmente havia desencarnado. Senti um vazio e um ligeiro medo. Percebendo, vovó sentou-se ao meu lado, no leito. Sorriu feliz e disse:

– Patrícia, aqui é lindo! Logo poderei mostrar-lhe lugares maravilhosos. Você está tão bem! Tão linda! Necessita de alguma coisa? Quer que lhe faça algo? Você...

– Vovó – interrompi –, como está mamãe? Papai? Juninho? Carla e o nenê?³

– Estão bem. São espíritas. O Espiritismo dá aos encarnados o entendimento da morte do corpo e, assim, eles compreenderam os acontecimentos e sabem que seu desencarne lhe trará muitas felicidades. Juninho está bem, e Carla também, irá ter um belo

menino. Seu pai é firme como rocha e seu saber é o leme a dirigir o barco do seu lar.

– Vovó, eles não sentiram meu desencarne?!

– Sentiram. Claro que todos sofrem sua ausência e se ajudam mutuamente com muita compreensão. Fazem de tudo para mandar a você o carinho e o amor que sentem. Um dia vocês irão se encontrar, como agora se encontra comigo. Verá que nunca estiveram separados, porque o amor une.

– Vovó, por favor, cuide deles. O senhor também, Maurício. Ajudem-nos. Mamãe deve estar triste. Será que chora por mim? Ela poderá não querer se alimentar.

Maurício, desde que vovó entrara no quarto, ficou sentado na poltrona em silêncio. Como me dirigi a ele, rogando ajuda, tentou tranquilizar-me.

– Patrícia, no seu lar terreno eles só nos pedem que cuidemos de você. A menina nos pede para cuidar deles. O carinho sincero que os une é laço forte. Cuidaremos de você e deles. Estarei sempre com você até que se adapte bem, me terá por companhia. Estou encarregado de velar por você.

– Obrigada – respondi tentando sorrir, mas acho que fiz foi uma careta.

Foi me dando um sono, uma vontade irresistível de dormir. Deitei. Vovó ajudou-me a acomodar-me. Meus olhos foram se fechando. Os dois sorriam para mim. Vovó me beijou na testa e segurou minha mão.

– Acho que vou dormir...

3 – Juninho e Carla são meus irmãos. Carla, quando desencarnei, estava grávida do seu primeiro filho

(N.A.E.).

capítulo 3

Primeiros conhecimentos

A cordei bem disposta, estava sozinha, as lembranças vieram-me à mente: “Bem-concluí, se desencarnei, tenho de me adaptar rápido e aprender como viver desencarnada”.

Tinha lido muitos livros espíritas, pois gosto muito de ler, e veio-me à lembrança o livro *Nosso Lar*, de André Luiz. O autor narra bem como é viver numa Colônia. E, se estava em uma, só tinha motivos para agradecer. Desencarnei e não vaguei, não sofri, não fui para o Umbral. Estava sendo socorrida e sentia-me ótima.

Observei curiosa o quarto. Era simples, limpíssimo, com um armário, uma mesinha, duas cadeiras e uma poltrona. Na parede um espelho. Havia duas portas e uma janela.

“Será que me levanto?” – falei baixinho.

Após uma leve batidinha na porta, Maurício entrou sorrindo. Tive vontade de perguntar por que ria tanto, mas não o fiz, preferi sorrir também.

– Bom dia, menina Patrícia. Como está?

– Bom dia.

– Você também tem um lindo sorriso. Gosto de sorrir, fico menos feio e não assusto tanto. Depois, sou tão feliz...

Senti meu rosto queimar, devo ter ficado vermelha, ele pareceu nem notar e continuou a falar alegremente.

– Acordou disposta, está muito bem. Levante se quiser e fique à vontade.

– Sinto muito sono; acordo e quero dormir novamente. Dormi muito? Quantos dias?

– Você desencarnou há dezesseis dias. Dorme muito porque estamos atendendo a um pedido de seu pai, para que a adormecêssemos nestes dias.

– Por quê?

– Achamos que é o melhor para você. Assim, neste período difícil que é para os encarnados a perda de um ente querido, você dormindo não sente.

– Estão sofrendo muito?

– É natural que sofram. Seu desencarne foi rápido, não esperavam, você estava tão bem. Não deve se preocupar, o tempo se encarrega de suavizar todas as dores.

– Acho que vou dormir de novo.

Acomodei-me e dormi. Meu sono era tranquilo e gostoso. Quando acordei, estava só. Orei com fé, agradei ao Pai o muito que recebia, roguei a Jesus amparo para minha família, pedi consolo a eles. Eu os amava e era amada. Se eles queriam que estivesse bem e feliz, eu desejava alegria a eles. Orei pensando em todos, um de cada vez. Senti mamãe triste. Ao pensar em papai, senti-o como se estivesse na minha frente a dizer com sua voz forte: “Patrícia, minha filha, não tenha dó de você, não deixe a autopiedade esmorecê-la. Seja forte, quero-a alegre. Sorria! A vida é bela, estando aqui ou aí não importa, o que precisamos é estar com Deus. Amigos cuidam de você, receba seus carinhos. Fortaleça-se, não tema. Você está bem, esforce-se para ser feliz. Estaremos sempre juntos. Você não deve se importar com a perda do corpo físico, deve entender que a vida lhe é grata. Ore. Sinta nosso carinho e sorria.”

Fiquei animada, levantei-me, abri a outra porta e deparei com um banheiro bem bonito, limpo e simples. Abri a torneira da pia, a água com a temperatura ambiente era agradável e límpida. Lavei as mãos e o rosto. Olhei-me no espelho. Estava com ótima aparência. Ajeitei meus cabelos. Voltei ao quarto, abri o armário e deparei com algumas de minhas roupas. Não gostava de ficar com roupa de dormir, por isso escolhi uma calça jeans e uma camiseta amarela e

troquei-me. Senti-me muito bem. Desencarnei no inverno, a temperatura estava bem baixa, mas ali não sentia frio.

Ouvi batidas na porta e, logo em seguida, Maurício entrou, mas desta vez fui eu quem sorriu. Trouxe uma bandeja que colocou em cima da mesa.

– Que alegria vê-la tão bem!

– Maurício, não estamos no inverno? Aqui não faz frio?

– Nem frio, nem calor. Nas Colônias a temperatura é sempre suave e agradável. No Umbral, a temperatura varia do mesmo modo que para os encarnados.

Descobriu a bandeja, continha alimentos.

– Patrícia, venha comer.

– Pensei que não fosse mais necessitar de alimentos.

– A impressão de estar encarnado não se perde da noite para o dia.

– Você se alimenta?

– Não – sorriu –, não desta forma. Lembro-lhe de que o perispírito de que agora está revestida é ainda matéria. Somente aos poucos deixará de se alimentar e, para isto, é necessário aprender a se prover de outras fontes de energia. Se quiser se banhar, fique à vontade, a sala de banhos ou banheiro está logo ali. Você, como tinha bons hábitos de higiene, é natural, só deixará de fazer o que estava acostumada quando aprender a se higienizar pela força de vontade.

– E estas roupas? São minhas. Como vieram parar aqui?

– Certamente não são as mesmas. Encarnada vestia roupas da matéria. Aqui são diferentes, são roupas próprias para desencarnados. Estas são cópias das que tinha. Plasmei para agradá-la. Troque-as à vontade.

– Obrigada. Acontece assim com todos os que desencarnam?

– Não. Você, Patrícia, veio para a Colônia por mérito e afinidade. Fez, quando encarnada, muitos amigos aqui, é querida. Amigos são para ajudar. No seu caso, tentamos lhe agradecer. Infelizmente não é para todos que podemos fazer esses agradados. A maioria veste roupas confeccionadas com fluidos mentais, fabricadas na Colônia,

como esta minha. Patrícia, somos companheiros de trabalho de seu pai. Ele nos pediu, confiou-nos você e espero cuidar bem da menina.

– Não fui para uma enfermaria!

– Se fosse, não acharia ruim. Talvez, por não desejar exclusividade é que podemos fazer tudo isso por você. Quartos individuais são para poucos somente. Alimente-se.

Havia na bandeja frutas, doces e pães. Peguei uma pera, estava deliciosa, comi-a num instante. Experimentei de tudo. As frutas eram saborosas; os pães, macios e deliciosos.

Maurício me observava sempre sorrindo. Acabei de comer e olhei-o. Queria tomar banho, mas estava com vergonha de dizer. Parecia tão estranho! Desencarnei e estava me alimentando e sentia vontade de tomar banho.

– Menina Patrícia – disse meu amigo –, fique à vontade. Tome banho, escove os dentes, use o vaso sanitário. Vou levar a bandeja, volto daqui a uma hora. Se necessitar de ajuda, toque a campainha.

Entrei no banheiro e tomei um delicioso banho de chuveiro. Sempre gostei de banhos de água quente e a água estava como queria. O chuveiro é um pouco diferente dos que conhecia, é regulado por um botão giratório.⁴

Lavei-me da cabeça aos pés. Coloquei a mesma roupa, senti-me muito bem. Penteei-me. Os cabelos longos e ondulados nos davam, a minha mãe e a mim, muito trabalho. “Que vou fazer agora?” – pensei. Mas, incrível, eles ficaram como queria.

Maurício, como prometeu, voltou.

– Oi, Patrícia!

– Maurício – disse entusiasmada –, meus cabelos ficaram como eu quis. Parece que obedecem à minha vontade.

– Será assim, você quer, sua vontade se concretiza. Terá, sem trabalho, seus cabelos como você gosta.

Como me alimentava, tinha as necessidades fisiológicas e, por isso, usava o vaso sanitário. Não tive mais menstruação, pois isto é fator do corpo físico. Mas soube que algumas mulheres ainda a tinham, como reflexo do corpo.⁵

Aos poucos fui dormindo menos, mas ainda acordava com fome e tinha sede. Alimentava-me de frutas, pães e caldos ou sopas de legumes. Gostei muito de todos os alimentos, tudo muito saboroso e energético. A água cristalina é a maior fonte de energia. Vovó recomendou que todas as vezes que eu bebesse água, pensasse que estava me alimentando. Tomava todos os dias meus gostosos banhos e trocava de roupa.

Quando encarnada, trocava de roupa, que era lavada e passada. Aqui, Vovó levava as roupas usadas e as trazia depois limpas, colocando-as no armário. Tempos depois, vovó me explicou que levava minhas roupas e, com sua força mental, as limpava, deixando como gostava de usá-las. Quando aprendi a higienizar meu corpo pela vontade, aprendi também a limpar minhas roupas.

Estava calma e tranquila. Também, com tanto carinho, quem não ficaria?

4— Aqui, os aparelhos a que me refiro, não são do padrão geral. Para cada local são usados os que mais convêm e são úteis (N.A.E.).

5 – Mulheres que vagam nos Umbrais têm mais reflexos do corpo. Muitas se iludem e se julgam encarnadas e vivem como tal, sentindo todas as necessidades corporais (N.A.E.).

capítulo 4

As visitas

A bri a janela, que surpresa agradável! A vista dava para o pátio rodeado de árvores e flores. Pássaros coloridos cantavam alegres nos galhos das árvores, e algumas borboletas de rara beleza voavam distraídas. Mas encantei-me mesmo com o céu, era dia. À tarde, o firmamento é de um azul maravilhoso como nunca tinha visto. Distraí-me tanto que fiquei tempo olhando tudo, extasiada com tanta beleza.

– Patrícia

– Maurício me chamou baixinho.

– Oi, Maurício!

– Chamei-a baixinho, temendo assustá-la.

– Maurício, estou encantada com tanta beleza. Nunca vi o céu tão lindo!

– É o mesmo dos encarnados. Vê agora diferente e acha mais bonito porque sua percepção visual é muito maior.

– A Colônia São Sebastião é do tamanho do Nosso Lar?⁶

– Não, nossa Colônia é pequena. Há Colônias pequenas, médias e grandes, como Nosso Lar. São muitas Colônias espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. São como as cidades dos encarnados. Elas também diferenciam na sua administração, mas procuram ter todos os ministérios, ou seja, órgãos para melhor administrá-las. Para que entenda, são como secretarias nas cidades de encarnados. Todas as Colônias são muito bem organizadas e oferecem atrativos maravilhosos para os que estão aptos a ver e a sentir.

Tendo autorização para sair do quarto, vovó levou-me para passear naquela parte ou ala do hospital, onde estava localizado meu quarto. Andava observando tudo, desde os corredores até os outros quartos; foi muito agradável ir ao pátio. Sentamos num banco, eu olhava tudo curiosa. As árvores são saudias, de um verde bonito e suas folhas harmonizam com o conjunto. Os pássaros não nos temem, vêm até nós quando chamados.

– Vovó, veja este, que lindo! É azul! Aqui tudo é mais bonito, o Sol, a Lua, as estrelas!

– O nosso estado de espírito influi, levando-nos a ver tudo mais bonito. Os animais, aqui, são amados, protegidos, são amigos. Temos nas Colônias animais domésticos e muitos outros que ajudam os socorristas. No Educandário, há muitos animais que encantam as crianças e, no bosque, há várias espécies, todas de animais dóceis e amigos.

Gostei muito das flores, há pela Colônia muitas trepadeiras floridas de muitas variedades.

Recebi muitas visitas, eram amigos, parentes e trabalhadores desencarnados do Centro Espírita do qual fiz parte. Eram visitas rápidas e agradáveis, todos procuravam me agradar. Traziam presentes: frutas, livros, flores, bônus-hora para que pudesse, logo que possível, ir ao teatro, a palestras e a outros lugares de lazer. Foi agradável conhecer Antônio, Alexandre, Artur e tantos outros amigos, companheiros desencarnados, trabalhadores do nosso Centro Espírita.⁷

Artur me trouxe um mapa da Colônia. Em quase todas as Colônias, há esses livretos, que mostram como elas são e onde estão localizados seus prédios. Só não vi esses mapas nos Postos de Socorro, por não haver necessidade, pois são pequenos. Fiz uma lista dos lugares aonde queria ir e do que gostaria de fazer. A lista ficou enorme. Conforme ia conversando com os amigos que comentavam as belezas dos lugares, ia marcando no meu caderninho. Queria conhecer principalmente os locais de estudo.

– Vovó – indaguei –, e meus avôs? Ainda não os vi!

– Estão encarnados, é a lei da vida, ora aqui, ora lá...

Estava gostando realmente de estar desencar- nada.

Numa tarde, estava só e recebi outra visita.

– Boa tarde!

Entrou no quarto, ofertando-me um presente, um novo amigo trajado de branco. Sorrindo, esten- deu-me a mão apresentando-se.

– Sou Antônio Carlos!

– Que prazer! Como vai a tia Vera?

– Todos vão bem. E você?

A agradável conversa durou alguns minutos. Em seguida, ele se despediu, prometendo voltar nova- mente.

Abri o presente. Dentro de uma caixa de plástico duro e transparente estavam “algumas coisas”. Nunca tinha visto. Sem saber o que era, fiquei a pensar: “Serão doces? Bombons?” Tinham formato de pequenos botões azuis, mais escuros no centro e clareando nas pontas, com pequenos cabinhos. Abri a caixa. Examinei-os, o cheiro era agradável. Experimentei, gostei e comi.

Logo após, Maurício veio ver-me.

– Então, Patrícia, gostou das flores que Antônio Carlos lhe deu?

– Flores?! – respondi fazendo careta. – Eram flores?

– Sim, de uma espécie de rara beleza, magnetizadas para não secar. Que fez com elas?

– Comi...

– Comeu?!

Maurício deu uma bela gargalhada, mas ao me ver sem graça, ficou sério. Pensei: “E agora? Me farão mal?”

– Não – respondeu meu amigo, adivinhando meus pensamentos.

– As flores não lhe farão mal. Imagine que Antônio Carlos ficou algum tempo a pensar o que iria trazer-lhe, a colher as flores em plano superior e a magnetizá-las. Elas não lhe farão mal, só que não era para comê-las. Mas, diga-me, são gostosas?

– São! Nunca vi flores azuis daquele modo, pensei que fossem doces confeitados.

Comecei a rir, rimos. Sempre fui distraída. Lembrei-me de Carla, minha irmã, pois ela estava sempre a me chamar a atenção sobre minha distração. Se ali estivesse, iria dizer com certeza: “Esta

Patrícia...” – Maurício, estou bem e quero ser útil, acho que para evitar estas “ratas” necessito aprender.

– Calma, menina, acaba de desencarnar. Tudo tem seu tempo. O recém-nato de hoje será o homem de amanhã. Sairá deste quarto e irá morar, por enquanto, com sua avó. Ela estará de licença do trabalho e ficará com você, lhe mostrará a Colônia, seus jardins e flores. Depois, aprenderá e será útil como quer.

Vovó, logo após a visita de Maurício, veio me ver toda contente.

– Patrícia, amanhã cedo virei buscá-la para ficar temporariamente comigo. Moro na parte residencial da Colônia, numa casa muito bonita, com cinco amigas. Todas muito simpáticas. A casa é grande, cada uma de nós tem um quarto privativo. Esse quarto é mais um local onde guardamos nossos pertences, um cantinho particular. Terá um só para você. É como este: quarto e banheiro. Levaremos suas roupas. Poderei ficar com você e a levarei para passear.

– Vovó, a senhora gosta daqui?

– Muito.

– Irá deixar seu trabalho para estar comigo?

– Não de todo. Trabalharei enquanto você dorme, serão algumas horas a menos. Mas por pouco tempo.

– Vovó, o que faz?

– Trabalho no hospital, em outra parte, onde estão os realmente enfermos do espírito.

– Vovó, obrigada! Todos são tão carinhosos comigo!

Vovó sorriu e despediu-se. Ao ficar sozinha, papai veio à minha mente: “Minha filha, não se aflija por nenhum motivo. Não tema o desconhecido. Deus está em toda parte, sinta-O. Aceite com alegria o que lhe está sendo ofertado. O tempo passa rápido e logo terá, no plano espiritual, seu lar, seu verdadeiro lar”.

Peguei um livro para ler. Lembrei-me de que, quando desencarnei, estava também lendo um romance espírita. Este de agora me fora presenteado por Maurício e estava quase no final.

Parecia que minha vida não mudara em nada, ou mudaria?

6 – Nosso Lar é a Colônia Espiritual que o autor André Luiz descreve com muito encanto no livro *Nosso Lar*, psicografado por Francisco Cândido Xavier (N.A.E.).

7– Amamos, minha família e eu, o Centro Espírita que eu frequentava e que eles ainda o fazem. E carinhosamente chamamos esse local de “nosso” (N.A.E.)

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Violetas Na Janela"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).